

CESCA MAJOR

Baseado
numa história
verídica sobre
o terror nazi

Uma
VOZ PERDIDA
na **GUERRA**

«Um retrato comovente e evocativo
de uma tragédia da Segunda Guerra Mundial.»

Sunday Express

**TOP
SEL
LER**

«As sombras silenciosas da noite
Rodeiam a minha humilde porta;
Trazem em silêncio
Rostos que nunca mais verei.»

CHRISTOPHER C. COX, *Silently the Shades of Evening*

«Sou uma mãe que tudo perdeu.»

MADAME ROUFFANCHE no julgamento de Bordéus, 1953

Estou de novo cá fora a olhar para aquela janela.

Através do vidro, vejo as mãos erguidas, agarrando o nada. Consigo ouvir os seus gemidos, por entre uma barreira de balas e de gritos estrangeiros, os meus ouvidos a zumbirem de tal forma que só me apetece bater com as mãos nas têmporas e gritar para que o ruído cesse.

Mas não os alcanço, pelo que me limito a observar os seus movimentos, sabendo que nada posso fazer senão ficar ali.

Estarei sempre a olhar para cima, para aquela janela.

PRIMEIRA PARTE

ADELINE

1952, convento de Santa Cecília, sudoeste de França

O uço-as falar em sussurros, através do postigo da porta. A irmã Marguerite fá-lo com um vincado sotaque do Sul e, até quando tenta falar em voz baixa, as suas palavras parecem ecoar nas grossas pedras das paredes do corredor com uma energia pela qual é frequentemente repreendida.

— Ela disse uma coisa... — insiste, suplicando à interlocutora.

— Marguerite, já falámos sobre isso — responde a outra voz, soltando um suspiro.

Estendida na cama, viro a cabeça para ver a quem pertence aquela voz: é a irmã Constance. Apesar de o tom ser firme, não se adequa ao seu rosto. A mulher parece ter envelhecido 20 anos numa fração desse tempo. Tem os olhos chorosos praticamente escondidos entre as rugas da cara; os lábios, finos e gretados. Mesmo àquela distância vejo-lhe as veias protuberantes das mãos, as longas linhas azuis que sobressaem na pele e que parecem os grandes rios de um mapa de França.

— Ela murmurou qualquer coisa. Tenho a certeza de que eram palavras; tenho a certeza de que a ouvi falar...

— Não se iluda, minha filha — diz a irmã Constance. — Se o Senhor fez esta mulher muda, não nos cabe a nós questionar porquê nem tentar mudar a sua situação. Só podemos esperar e...

— Mas não acha que tem havido progressos? Se pudéssemos estimulá-la e... — A voz da jovem noviça cala-se ao ver a expressão do rosto da irmã Constance. — Perdoe-me por ter interrompido — desculpou-se em voz baixa, baixando a cabeça.

— Vá lá, irmã Marguerite — diz a irmã Constance, sem ser indelicada. — Basta. Já sabe o que tem de acontecer.

— Eu... eu... Sim, irmã Constance — responde, derrotada, a jovem, e, com um último olhar de misericórdia na minha direção, vejo-a virar costas e ir-se embora.

A irmã Constance fica ali, vendo-a afastar-se, antes de espreitar pelo postigo para olhar para mim, imóvel na cama. Em seguida, após fazer o sinal da cruz na minha porta, volta-se e começa a andar para ir assistir às vésperas, os seus passos ecoando de forma rítmica e regular pelo corredor de pedra.

Uma muda: uma mulher muda num convento. Fui essa mulher durante anos. Acaricio o lábio inferior com o dedo e rezo a mesma prece a quem quer que me esteja a ouvir: «Meu Deus, perdoai-me.»

Há um crucifixo pendurado na parede em frente à minha cama. Jesus fita-me. Fita-me sempre.

A irmã Marguerite passou semanas, meses, e agora anos, sentada ao meu lado junto à cama, no banco do jardim, às refeições. Nos primeiros dias, como jovem noviça, assumiu o meu silêncio com naturalidade e falava-me sobre coisas quotidianas: os homens que cultivavam os campos vizinhos, a comida horrível que serviam no convento, o frio que penetrava os ossos... mas não devia queixar-se — havia quem tivesse muito menos.

Ultimamente, tem estado mais calada, mais alerta.

Outras tomam o meu silêncio como uma afronta pessoal, e estão mais do que dispostas a ceder às múltiplas súplicas da irmã Marguerite para ser ela a tratar de mim. Eu reparo em cada sombra, em cada ruga, a cada ano que passa. Ela tem os olhos dançarinos de outra pessoa, e, por vezes, quando algo a diverte, o passado puxa pelo meu coração e esse outro rosto desfila pela minha mente num suspiro... e desaparece, com a mesma rapidez com que a irmã Marguerite sufoca a pequena gargalhada com a mão.

Algumas manhãs, no limiar do sonho, vejo esse rosto entre as sombras do quarto: momentos antes de acordar, estou convencida de que

ela está ali, com a sua longa cabeleira revolta, o nariz reto e elegante, o pescoço esbelto, a fina cintura.

Levanto-me e traço um esboço na parede em frente. A irmã Marguerite vem até mim, encontra-me com a palma da mão apoiada na pedra, olhando para um passado que não consigo alcançar, e conduz-me de novo para a cadeira junto à lareira, explorando os meus olhos com os seus enquanto regresso ao quarto.

Reza uma oração por mim, com a mão dela sobre a minha, no regaço: umas palavras rápidas, que se atropelam, até que murmura um «Ámen».

Da mesma forma automática com que os meus lábios o formam. Vazio.

Como me encontraria ela agora? Como averiguaria onde vim parar? Recordo-me de quando me descobriram depois de a ter abandonado. Uns homens encontraram-me enterrada na lama. Eram três. Não reconheci as suas caras. Foi o mais alto que me tirou de lá. Uma intensa dor percorreu-me toda a parte inferior do corpo quando me depositou no carrinho de mão. Foi assim que me levaram, com as pernas penduradas por cima da borda, o homem a tentar manobrá-lo para avançar o mais delicadamente possível por cima das pedras até chegar a um automóvel que nos esperava.

Eu nunca tinha entrado num automóvel. Deixaram-me dobrada sobre mim mesma no banco; havia terra e manchas vermelhas na minha roupa, na minha pele, no estofado de couro. Levaram-me dali. Não podia olhar pela janela; não queria ver. Um homem mais novo de olhar bondoso observava-me do banco da frente e fazia-me perguntas. Eu não sabia as respostas, não o ouvia bem. Sentia restos de terra em cada orifício, tapando-me a garganta, o nariz, os ouvidos, ensurdecendo tudo. Depois as imagens sobrepuseram-se às suas palavras: o verde, as pessoas, o rosto dela, a mão do Vicente ao deixar-me — um aperto tranquilizador, que desapareceu logo de seguida. O arrastar incessante dos meus pés atrás da pessoa que tinha à frente, e depois, quando o perdi, o desejo de ter um segundo mais. Sem dar conta disso nesse momento.

Não posso dizer exatamente em que dia apareci aqui: aqueles dias... ou terão sido semanas? Uma fase difusa de negros e cinzentos, um frio entorpecimento que se instalou em mim e que não mais me abandonou. Sei que viajei. Recordo vagamente os solavancos de um comboio: uma carruagem dos correios, talvez? Recordo a aspereza do tecido de serapilheira debaixo de mim... ou talvez esteja a acrescentar pormenores da minha própria lavra, frustrada como sempre pelas minhas falhas de memória. Fragmentos enormes da minha vida desapareceram para sempre; outras partes regressaram silenciosas, subtis; outras, num ímpeto súbito e avassalador, um vendaval que me deixa aturdida e sem fôlego, como se estivesse lá outra vez, a ver tudo de novo. E depois, o vazio. A vasta imensidão de nada. Sussurros, por vezes; sons nos quais não me quero deter. As bordas tornam-se enevoadas, como se alguém me tivesse lançado fumo diretamente para o cérebro. Um cheiro familiar, enfermiço, e a única coisa que quero é dormir, aninhar-me, esperar que os ruídos parem até que só esteja eu, no limiar da escuridão, tentando voltar às apalpadelas para a luz.

De que me recordo? Onde tudo começou. Regresso sempre a esse dia, quando vi o Paul a entrar na tenda, o cabelo castanho-claro todo alvoroçado, agitando o boné; como se estivesse aqui mesmo, a irromper de repente pelo meu quarto adentro.

— Maman, já soubeste? — *Começa a falar com a energia dos rapazes mais jovens, e por pouco não tropeça numa pilha de jornais. — Confirmaram-no — continua a dizer apressadamente. — Eu próprio ouvi no rádio. O velho Renard esteve uma eternidade a falar, retendo-nos, senão teria vindo antes.*

Então confirma-se. Sinto um peso de chumbo no estômago; levanto a mão como se pudesse conter a súbita pontada de dor, tapar a ferida. Paralisada atrás do balcão, sei que ele aguarda a minha reação. Tento sorrir perante o seu entusiasmo, interpretar o meu papel. Dá um passo na minha direção, com um brilho ansioso no olhar. Reparo numa mancha de pelos no seu queixo, que ficou por barbear, e sinto uma onda de amor por ele.

— *Vá, maman — diz, envolvendo-me num abraço. Normalmente afastar-me-ia, envergonhada, mas desta vez deixo-o abraçar-me. Respiro fundo, tentando assegurar-me de que o seu cheiro me inunda as narinas. O cheiro a couro, a erva e às páginas de um romance favorito. Uma lágrima ameaça cair, e fico tensa entre os seus braços. O Paul afasta-se, sem tirar as mãos dos meus ombros, e fita-me muito sério, já no seu papel de jovem herói. Umas rugas finíssimas traçam sulcos profundos à volta dos seus olhos verde-escuros enquanto me garante: — Maman, não fiques assim; vai correr tudo bem. Não me vai acontecer nada.*

— *É como da última vez — murmuro, e empurro-o ao de leve com a mão.*

Viro-lhe costas e afasto-me para retirar a última caixa de maçãs da porta, deixando um pequeno rasto sujo no chão de linóleo quando a levo para junto do balcão de madeira.

— *Deixa que eu faça isso — diz o Paul, substituindo-me. — Não é verdade, sabes isso. Agora estamos mais bem preparados, maman. Estamos...*

As palavras do Paul são abafadas pelo ruído da porta a abrir-se de novo, e agora é a Isabelle que surge na ombreira. Soltaram-se-lhe da trança madeixas de cabelo louro, e parece um pouco ofegante.

— *É verdade? Está mesmo a acontecer? — pergunta, olhando para nós, à procura de respostas.*

O Paul endireita as costas e acena com a cabeça.

— *Eu próprio ouvi no rádio.*

A Isabelle atravessa a loja a correr e lança-se nos braços dele.

— *O meu irmão mais velho, o soldado! — Ri e pega-lhe na mão. — Não posso acreditar!*

Volto a retirar-me para trás do balcão, limpo inutilmente a superfície de madeira, sento-me no banco, passo as páginas do livro das contas e volto a levantar-me.

— *Podem tomar conta da loja? — pergunto, passando a porta das traseiras, até à escada que dá para a nossa casa.*

Não me ouvem. Estão a trocar notícias, como fazem desde crianças.

Vou diretamente para o meu quarto, fecho a porta atrás de mim e apoio-me nela. Sobre a cómoda, entre a desordem dos trocos do Vicente,

há uma fotografia do meu pai em casa, no jardim, durante a sua primeira licença. Em geral, os retratos costumavam ser um aborrecimento — a paciente espera, a pose mantida enquanto o fotógrafo exercia a sua magia —, mas o meu pai parecia sempre prestes a soltar uma piada incrível, a boca dissimuladamente curvada numa expressão calma e divertida na fotografia. Era assim o meu pai, antes de tudo aquilo.

Voltaria várias vezes no ano seguinte transformado noutro homem, com a cabeça noutro lado, entre o matraquear constante do fogo das metralhadoras e a chuva de artilharia, a boca num esgar, os olhos sem expressão. Até que, em 1916, já não voltou. Havia partes dele, misturadas talvez com partes de outro homem, enterradas ali.

Era tão parecido com o Paul...

Ouço-os rir através das tábuas do chão do quarto. Fecho os olhos e rezo com todas as minhas forças para que, desta vez, as coisas sejam diferentes, para que desta vez voltem todos.

As paredes do convento são escuras, e as luzes dos candeeiros suavizam a pedra quando seguimos em direção ao refeitório para jantar, uma longa fila de mulheres a serpentear pelo corredor. Caminhando em frente, de cabeça inclinada, sem outro ruído senão o roçar dos nossos pés no chão, um acesso ocasional de tosse ou o rugido de um estômago. A marcha implacável para podermos comer em comunidade.

Desfilo atrás do corpo miúdo da irmã Marguerite, com o olhar fixo em frente, no tecido preto do seu hábito, para não ter de olhar para a porta à minha direita, para não ter de pensar no que há por trás dela. Levaram-me para lá quando cheguei; cheirava a canela e a humidade. Eu tremia da cabeça aos pés quando a cruzei e senti que as paredes se erguiam sobre mim à medida que o compartimento se transformava num túnel, cada vez mais estreito; a madeira, a pedra, a luz: tudo avançava para mim, tanto que tive de recuar rapidamente antes que o compartimento inteiro ruísse, antes que o teto cedesse.

Dou mais um passo em frente, a arrastar os pés; tento concentrar de novo o olhar nas suas costas e pensar na comida que me espera,

no som reconfortante de uma centena de mulheres a comer a sopa de uma tigela. Não consigo evitar olhar ao passar em frente da porta; penso novamente na sala do outro lado.

A irmã Marguerite vira-se: eu estremeço, mas sinto o calor dos seus olhos. Deixámos a porta para trás. Já não me obrigam a ir lá.

ISABELLE

Querido Paul,

É tudo tão aborrecido desde que te foste embora... Reina sempre um silêncio sepulcral em casa, uma descrição muito adequada tendo em conta que a mamã já está praticamente de luto e a chorar a tua morte. Não sejas ridículo e não vás cometer nenhuma loucura, como deixares que te matem, querido irmão: eu ficaria muitíssimo aborrecida.

O pai tem andado a frequentar o Hotel Avril um pouco mais do que é costume, mas esconde os seus sentimentos — e o cheiro a whisky — bastante bem... De repente tudo ficou anormalmente silencioso e aborreço-me o tempo todo. A minha única distração consiste em observar a Claudette Dubois a suspirar pela tua ausência enquanto vagueia como uma alma penada pela loja, com olhos pesarosos naquela sua cara tão triste. Sinceramente, é repulsivo: tens de me prometer que nunca casarás com ela, mesmo quando fores um velho, desesperado por assentar. Quanto a mim, está visto que ficarei para tia, porque parece que todos os homens se foram embora de França. E sei que pareço egoísta, mas gostaria que já tudo tivesse terminado para poder desfrutar de um baile em condições e esquecer toda esta tristeza.

Lembras-te do verão passado, quando nos escapámos sorrateiramente para o arvoredo junto ao rio e peguei fogo ao cabelo com o candeeiro a gás, enquanto tu me contavas aquela história de

fantasmas tão aterradora, e só me salvei graças ao teu bom senso de me empurrares para o rio? Não me lembro de alguma vez me ter rido tanto. Ah, estás a ver? TENS de voltar para casa depressa porque, simplesmente, sem ti aqui nada é divertido.

Mas conta-me... É horrível? Estás muito assustado? Sei que se estivesses cá certamente não o admitirias, mas espero que sejas sincero comigo. O pai diz que o Hitler se dirige para leste, de modo que é possível que fique por lá e não nos cause mais problemas. Sinto-me profundamente orgulhosa de ti, meu irmão, e mando-te daqui centenas de beijos. Diz-me se queres que te envie de cá alguma coisa que te possa ser útil. Peúgas? (Poderia mesmo tentar remendar-te algumas!) Bombons? Caramelos? Pede o que quiseres, que conseguir-to será a minha missão pessoal.

*A tua irmã que te ama,
Isabelle*

ADELINE

1952, convento de Santa Cecília, sudoeste de França

Inclino-me para a frente e finco os dedos na terra, alargando o buraco que eu própria cavei. A terra resvala pelas bordas e volta a encher o fundo. Deposito a semente no buraco e volto a cobrir o espaço; pressiono com uma mão, apalpo o solo e apercebo-me de que vai cedendo um pouco, por ser esponjoso; em seguida, borrifo-o com água e observo como a mancha escura se expande, como vai invadindo o terreno circundante; volto a pressionar com as mãos, deixando marcas na superfície. Detenho-me por um momento, uma centelha de um momento perdido, e a seguir desloco-me ligeiramente e recomeço o processo.

A terra cola-se-me aos dedos húmidos enquanto escavo e a extraio. Outra centelha, pungente; afasto a mão e vejo como a terra se esboroa e volta ao lugar. Inspiro lentamente e fecho os olhos. Quando os abro, vislumbro a irmã Bernadette um pouco mais longe, curvada e com a cabeça inclinada sobre a tarefa que tem em mãos, semeando a fila à minha frente. Ouço-a cantarolar.

Tento concentrar-me nela, olhar fixamente para as solas dos seus sapatos, mas apercebo-me de que a mente se me turva, e sinto um nó familiar no estômago enquanto as lembranças desencadeadas lutam por se libertar.

A irmã Bernadette... As solas dos seus sapatos estão cobertas de lama, gastas no meio.

O sol queima-me o pescoço, o alto da cabeça exposto, e sinto o calor no cabelo, perto. Ao senti-lo, ao recordar o fogo a encher-me o corpo,

cambaleio. A mão que estendo para não perder o equilíbrio finca-se na lama. A horta do convento desvanece-se, e a luz atenua-se. É a última hora da tarde, e volto a reviver tudo.

Ouvem-se gritos ao longe e sei que tenho de fugir, de me esconder. Acocoro-me e avanço junto ao chão, enquanto os minutos e as horas anteriores me enchem a cabeça. Sinto os pulmões oprimidos e arquejo em busca de ar. Tenho de me esconder. Tropeço no poste de uma cerca, esmagando a erva quando chego a um jardim. A minha perna protesta com um grito de dor; ponho-me de joelhos e começo a escavar o solo. Enterro os dedos na terra e olho para a mão, agora cinco fragmentos minúsculos de carne, o resto enterrado no solo. Escavo com ambas as mãos o mais rapidamente possível, sentindo as pedras a arranhar-me os dedos quando as afasto.

A vala é cada vez mais profunda e arrasto-me por uma densa rede de talos verdes, vagens de ervilhas que pendem na penumbra, imóveis. As cores fundem-se com os tiros; os talos são como finas gavinhas serpenteantes, sufocantes, em redor dos juncos, em meu redor. Agarro na perna inútil e movo-a para a empurrar através das vagens, que me acariciam a cara e o corpo como dedos espetrais quando me deito no chão, tentando enterrar-me. Cubro o corpo com torrões enormes, espalmo-me contra o buraco que eu própria cavei, empurrando com todas as minhas forças para que não me vejam, entre os estalidos dos delicados talos. Mais terra enquanto me afundo; o cascalho cobre-me as pernas, espalhando-se entre elas, e eu tento esconder o tronco com mãos-cheias de terra. Depois fico imóvel, rodeada; o cheiro, o aroma adocicado das ervilhas que me fazem cócegas na cara, paira sobre mim.

Espreito da minha campa rasa, através de uma cortina de verde.

Ouçõ vozes. Passos nas pedras lá atrás. Palavras trocadas entre eles. Terra sobre terra, serpenteio, afundo-me mais, empurro a cabeça contra o solo. Tenho os ouvidos cobertos, e o mundo emudece em meu redor. As vozes desaparecem. Alguma terra roça-me os lábios, invade-me as narinas; respiro-a. A terra engole-me na sua frescura. O calor desapareceu, o calor abrasador extinguiu-se, e a humidade encharca-me a roupa enquanto tento permanecer imóvel.

As ervilhas continuam suspensas por cima de mim; não há céu para lá delas. Um cheiro enjoativo e adocicado. Talvez morra assim.

A irmã Marguerite encontra-me curvada no chão e murmura-me que a siga. Algumas freiras olham para mim do outro lado da relva: o restolhar de um ancinho, o ruído de um balde que se volta. A irmã Constance franze a testa, a boca comprimida numa linha reta, quando passamos junto dela.

Empurramos a gigantesca porta e regressamos às correntes de ar do corredor, um cheiro a pedra, história e pó, e o ar frio obriga-me a envolver-me no casaco de malha. O meu quarto fica ao fundo; o postigo quadrado mostra brevemente um vislumbre gradeado do meu mundo.

Antes de chegarmos, a irmã Marguerite detém-se diante de outra porta, aquela por que não quero passar. Há uns painéis de madeira incrustados na parede: a porta não passa de um buraco recortado na pedra; é preciso baixar a cabeça para entrar na divisão. Enormes dobradiças de ferro sustêm as tábuas.

Do outro lado, encontra-se a pequena capela: bancos de madeira escura, vitrais nas paredes, brilhos ofuscantes entre os fragmentos vermelhos, cor de laranja e dourados. Velas dançam nas palmatórias. Não vou voltar a entrar. Recuo bruscamente.

— As outras... querem... — Faz uma pausa para respirar e vira-se para mim. — Se não começar a assistir aos officios, ela enviá-la-á para outro lado. Há falatório. A irmã Constance crê que estaria melhor noutra convento. — Olha para trás, por cima do ombro. É um gesto comovedor: enfrentou-as. — Poderíamos entrar agora, sozinhas, as duas, e ajoelhar-nos em frente ao altar.

Dou um passo atrás e abano a cabeça, como um cavalo que se nega a saltar. O pulso acelera-se-me e semicerro os olhos enquanto resisto.

A irmã Marguerite deixa descair os ombros, e o seu rosto denota decepção, mas retoma o tom tranquilizador.

— Talvez amanhã — mente, levando-me para o meu quarto.

SEBASTIAN

Perdi-a entre a multidão. Estava aqui mesmo há um momento. Por pouco não vou de encontro ao homem que tenho à frente. Os meus olhos examinam os desconhecidos que andam pela rua. Limoges na sua grande atividade. Levo a mão ao chapéu para pedir desculpa ao homem.

Ao princípio da manhã, homens de fato e chapéu dirigem-se para os escritórios num passo decidido, desfilando pelas ruelas empedradas, pisando o pavimento, com o tilintar ocasional da porta de uma loja, uma saudação, o barulho de um carro que para, ainda com o motor a trabalhar, quando um homem se apeia.

Sinto um baque no coração quando o vejo: o brilho de um casaco verde-azeitona.

A rapariga do elétrico atravessa para o outro lado da rua. Estou atrasado para a minha reunião, mas não quero perdê-la de novo; quero correr atrás dela, obrigá-la a voltar-se, perguntar-lhe o nome. Ela caminha num passo decidido, os saltos a baterem sobre o pavimento enquanto se desvia dos outros transeuntes. Dou meia passada em frente. A longa cabeleira loura baloiça ao ritmo dos passos quando dobra a esquina.

Olho por um momento por cima do ombro na direção em que devia seguir, e depois o meu olhar regressa ao espaço vazio que a rapariga ocupava há escassos segundos. Com um último olhar à esquina, dou meia-volta e começo a correr em direção aos nossos escritórios, a dois quarteirões de distância, e empurro a porta giratória a ofegar.

A Mademoiselle Fourie cumprimenta-me na receção, arqueando uma sobrancelha, enquanto subo a escada.

— Devem estar à sua espera, *monsieur*.

— *Merci*.

Ela revira os olhos, sorrindo.

Ao chegar ao cimo das escadas, detenho-me por um momento para ajustar a gravata e alisar o casaco. Respiro fundo e entro na sala de reuniões.

O meu pai e o Monsieur Phane estão de pé, num dos extremos da grande mesa oval, curvados sobre vários documentos dispostos em semicírculo. O sol da manhã ilumina a superfície lisa da mesa de mogno, revelando, com os seus raios, as minúsculas partículas de pó suspensas no ar.

No outro extremo da mesa, há uma bandeja com chávenas, pires e uma *cafetière*, e entretenho-me aí por um instante, grato por poder fazer algo útil. Sirvo café nas chávenas, e o odor inconfundível induz os homens a erguerem os olhos e a reconhecerem formalmente a minha presença.

O Monsieur Phane, um cavalheiro corpulento, aproxima-se para me apertar efusivamente a mão. Traz um relógio antigo no bolso do colete, que começa a dar mostras de desgaste na zona do ventre.

— Folgo em ver-te, Sebastian. Estás mais velho, cada dia mais — diz-me, abanando a cabeça com tristeza.

— Monsieur Phane.

Aperto-lhe a mão e ofereço-lhe uma chávena de café.

— Já te disse uma dezena de vezes para me tratares por Jean-Paul! Estivemos a rever os planos da nossa nova sucursal em Couzeix, e aqui o Pierre disse-me que pensou em ti para diretor — comenta, bebendo um gole de café.

— Parece ser esse o plano.

— Bem, ótimo, ótimo! Fico satisfeito por saber que temos alguém lá dentro que nos informe de tudo o que acontece e de como trabalham os empregados... — Solta uma gargalhada e quase entorna o café por cima dele.

— Não temos intenção de os espiar, Jean-Paul — observa o meu pai.

— Bem, não a *todo* o momento...

O Jean-Paul pisca-me o olho.

O meu pai junta-se a nós, e gera-se um breve silêncio enquanto todos saboreamos o café. Ao pousar a minha chávena, vejo as copas das árvores do parque através da janela redonda: uma mistura de tons alaranjados e vermelhos, a erva quase verde-azeitona. Pestanejo e volto à sala.

O meu pai planeia abrir um novo banco numa cidade próxima e contratou um arquiteto para projetar um design moderno para o edifício, atualmente uma garagem desativada.

— O projeto do arquiteto é o que esperavam? — pergunto.

A cara do Jean-Paul ilumina-se, e os olhos castanhos enchem-se com os reflexos luminosos dos pingentes do lustre do teto.

— É incrível pensar que dentro de um ano vamos ter outra sucursal a funcionar — diz.

— Mas esta guerra iminente... — comenta o meu pai, abanando a cabeça. — O que fizeram aos judeus na Alemanha... E dirigimos um banco, Jean-Pa...

— Não comeces outra vez, Pierre — diz o Jean-Paul, interrompendo o meu pai dando uma pancadinha com a cigarreira na mesa. Olha para mim erguendo as sobrancelhas. — O ambiente está muito lúgubre e sombrio por aqui, rapaz. — Aponta com a cabeça em direção ao meu pai. — Bom — continua, enquanto termina o café de um trago —, tenho de me ir embora. Tenho a certeza de que o Pierre poderá pôr-te ao corrente dos nossos maléficos planos. Até à próxima! — despede-se, estendendo a mão.

Aproximo-me para examinar as folhas espalhadas sobre a mesa enquanto o meu pai o acompanha à porta e depois a fecha atrás de si. Apoia a palma da mão na porta de madeira e fica quieto por um momento. Parece cansado.

— Bom, fale-me dos planos da nova sucursal — peço-lhe, tentando deliberadamente distraí-lo dos seus pensamentos sombrios.

O meu pai permite que eu o distraia e franze os olhos ao dizer:

— Vai ser um edifício maravilhoso, o mais moderno de todos. — Percorre a sala com rapidez, um leve saltitar em cada passo. — O arquiteto apresentou-me uns desenhos muito interessantes.

Passamos umas horas a falar dos primeiros planos a seguir, a discutir o perfil exato das pessoas que temos de contratar. Não é a primeira vez que me sinto invadido por uma sensação de entusiasmo quando discutimos este tipo de pormenores, quando vemos como a sua visão vai ganhando aparência de realidade.

— Porque chegaste tão tarde esta manhã? — pergunta quando estou prestes a abandonar a sala. — Normalmente és muito pontual nestas questões.

— Está um dia lindo — respondo num murmúrio, sem me voltar. — Entretive-me a admirar as vistas, suponho eu.

Denoto um sorriso na sua voz.

— Era muito bonita?

Comprimo os lábios ao rodar a maçaneta da porta.

— Muito — respondo, fitando-o por cima do ombro.

Ele assente e regressa aos seus assuntos; volta a curvar as costas sobre os documentos, diminuído pela sala gigantesca, pela mesa de mogno, pelos enormes quadros pendurados nas paredes. O meu pai é o artífice de tudo isto, e não há guerra capaz de lho arrebatá-lo.

Isto é França. Aqui as coisas são diferentes.

O dia em que se comemora o armistício de Compiègne parece adquirir este ano uma relevância mais significativa do que nunca. Ataram grinaldas de papel nos candeeiros da rua: os triângulos vermelhos, brancos e azuis ondulam ao vento, e as bandeiras tricolores pendem de numerosas janelas dos primeiro e segundo andares. Os vendedores ambulantes oferecem chocolate quente, algodão-doce, *croissants*, *nougat*... Um rapaz devora, muito concentrado, um *pain au chocolat* recém-saído do forno, o recheio a besuntar-lhe o contorno da boca. O ar frio de novembro torna visível o bafo da minha respiração, enquanto bato os pés com força no chão para tentar aquecê-los. Sinto uma pontada no joelho, mas estou habituado aos ataques esporádicos

de dor, e o ambiente que se respira distrai-me. Aparentemente, toda a Limoges saiu de casa para se divertir. Com os alemães à porta, parece que não nos esquecemos de quem somos, de que não há força capaz de fazer desfalecer o amor que um homem sente pela sua pátria.

As comemorações são mais ruidosas este ano. Ouve-se o povo a cantar *A Marselhesa* e a proclamar a vitória da França. As bandas musicais tocam sem parar; as pessoas dançam nas ruas, partilhando histórias, falando dos filhos, dos pais, dos namorados que partiram para a frente, dispostos a combater pela honra da França. As vozes e a melodia familiar confundem-se, rodopiam à minha volta enquanto me demoro um pouco mais na rua antes de voltar para casa.

Um velho empoleirado num banco, de cigarro pendurado entre os lábios, segue o ritmo com um pé e com as batidas da sua bengala nos ladrilhos. Uma rapariga, que não tem mais de 12 anos, com um aparelho na perna, observa, sentada, as amigas que dançam com os rapazes da terra. Obrigaram um dos pais a juntar-se ao baile, e o homem olha para mim fazendo caretas por cima do ombro quando sorrio ao grupo.

A menina sentada baixa os olhos, cabisbaixa, e roça a ponta de um sapato para a frente e para trás no chão quando começa outra música e ela, mais uma vez, fica de fora. À sua frente, dois rapazes apontam para ela; um deles esboça um sorriso perverso, e a jovem cora, tentando não ligar às caretas dele. Ponta do pé para a frente, para trás, para a frente, para trás.

Dirijo-me a ela e estendo-lhe a mão.

— Iremos devagar.

A menina levanta os olhos, tímida e hesitante, e então sorri-me, com uma cara cheia de sardas e, agora, duas filas de dentes brancos. Agarra-me a mão e movemo-nos para nos juntarmos ao grupo. Apesar de os passos serem fáceis, enganamo-nos uma e outra vez, mas ela parece feliz. Conta-me que a mãe lhe ensinou a mover-se formando um triângulo: um passo para trás, um passo para o lado e depois outro para a frente, e então começamos a dar com o ritmo. Uma amiga chama-a, e ela acena com a mão, erguendo o queixo com um ar orgulhoso. Outro rapaz aproxima-se, pergunta-lhe se quer dançar

com ele, e eu retiro-me com uma leve vénia. Ela olha para mim e murmura um agradecimento.

Ao voltar à segurança que o passeio me oferece, sinto uma pontada familiar mesmo no joelho. Esfrego-o com um ar ausente... e por pouco não a vejo. Uma cabeça com uma cabeleira loura e espessa, um casaco verde-azeitona...

Estendo o braço e surpreendo-me a dar-lhe umas pancadinhas no ombro.

— Desculpe. — A rapariga volta-se, sobressaltada, e, de imediato, uma vez recomposta do susto, uma expressão inquisidora substitui a surpresa. — Eu...

— Posso ajudá-lo? — pergunta-me.

— Bem, é que já a vi antes e...

A voz desvanece-se-me num murmúrio de palavras atropeladas enquanto exploro o seu rosto com os olhos. A sua pele tem a textura mais acetinada do mundo: resplandece. Vi uma fotografia da Greta Garbo numa revista, e ela tem uma pele precisamente assim. Os olhos enormes são de um invulgar tom de verde, como o de um lago na floresta, com pontos castanhos; na íris esquerda, tem uma mancha mais escura, como uma folha a turvar a superfície do lago.

O seu sorriso hesita um pouco enquanto me esforço por dizer algo coerente, o que quer que seja. O ambiente festivo do dia proporcionou-me a confiança necessária para a abordar, mas, agora que o fiz, fiquei sem palavras.

— Pensei... — O que pensei? Meu Deus! Em que estava a pensar? — Pensei que talvez lhe apetecesse dançar — digo, apontando para os pares mais próximos que, à nossa volta, rodopiam na rua empedrada enquanto um homem toca um acordeão e canta numa voz vacilante de tenor.

O rosto da jovem volta a iluminar-se quando olha para eles, e em seguida cruza os braços e fita-me de novo.

— Julgava que só dançava com meninas pequenas... — Sinto que as faces se me incendeiam, e ela desata a rir. — Foi muito terno da

sua parte, e, sim, gostaria de dançar — acrescenta, com uma voz adocicada. — Chamo-me Isabelle.

Estende-me a mão e eu aperto-lha.

— Sebastian. Mas devo avisá-la: sou um péssimo dançarino. Aquela menina era demasiado educada para me recusar.

— Sebastian, o péssimo dançarino — repete. — *Enchantée*.

— Iguamente.

Descemos do passeio para a rua. As palmas das minhas mãos começam a suar, e movo os pés desajeitadamente. A Isabelle parece não se aperceber, e conversa animadamente comigo enquanto dançamos. Cumprimento com a cabeça uma conhecida, amiga da minha mãe, que me acena e arqueia uma sobrancelha.

Sou um palmo mais alto do que a rapariga do casaco verde-azeitona, e, por um momento, sinto alívio por poder concentrar-me no seu cabelo enquanto nos movemos ao som da música. Quem é a mulher que tenho nos braços, que parece transbordante de energia incombustível? Os seus movimentos são fluidos, adequam-se aos meus, como se já tivéssemos dançado juntos outras vezes; os seus passos leves com sapatos de salto raso, tão suaves que poderia desaparecer silenciosamente. Será melhor eu dizer qualquer coisa, ou ela poderá voltar a esfumar-se.

Pergunto-lhe onde vive, felicitando-me mentalmente por ter sido capaz de articular as palavras pela ordem correta. Vive numa aldeia não muito longe de Limoges, chamada Oradour, que conheço de nome porque muitos dos meus colegas vão lá pescar no rio aos fins de semana.

— Uns lúcios excelentes — comento.

— É verdade — responde, erguendo os olhos e fitando os meus.

Também eu sinto vontade de olhar para mim com severidade: *Peixe, Sebastian?!*

O acordeão emudece por um instante, e a nossa dança para abruptamente. A Isabelle não se separa de mim. Sinto a minha respiração ofegante e apercebo-me dos protestos do meu joelho, que me envia sinais bruscos para que pare e me sente. Resisto a afastar-me dela, a estragar o momento.

— Nunca tinha visto a cidade assim — comenta, dando uma rápida volta sobre si própria com um suspiro de admiração. — Está fantástica, não está?

Recordo o meu pai nessa manhã dizendo algo semelhante, se bem que turvando as suas palavras com previsões funestas. Não quero estragar o bom humor da Isabelle; quero mostrar-me como ela, ver a rua através dos seus olhos, vibrante de cores, de vitalidade e de gente arrebatada por uma febre de patriotismo.

Aceno com a cabeça.

— É isso que fazemos. Dançamos.

— É o que há que fazer — responde. — Creio que lhes devemos isso: viver o presente, continuar a viver como quando nos deixaram e se foram. Não é precisamente disso que se trata, neste dia?

A paixão na sua voz apanha-me de surpresa, o brilho feroz dos seus olhos iluminando tudo a partir de dentro. Tem os braços estendidos e foco-me nos seus pulsos, virados para fora, na fresta de pele, e os pensamentos debatem-se no meu cérebro, os ruídos da rua desvanecem-se. Ouço a sua voz a repetir a palavra «lhes», uma e outra vez.

— Sebastian? — Inclina a cabeça, e o sol resplandece em cada uma das madeixas do seu cabelo.

— Oxalá pudesse estar a combater ao lado deles — começo a dizer. — Mas, por causa da minha perna, não posso... — Aponto com a mão para a perna e respiro fundo. — Mas às vezes... — Olho para lá dela, para longe, dirigindo a minha confissão ao espaço que paira sobre a sua cabeça. — Admito que há momentos em que sinto... alívio.

Calo-me de repente, estupefacto, ao verificar que acabo de partilhar com ela o meu pensamento mais íntimo, mais atroz. Olho para ela e espero que os seus olhos verdes percam o brilho, que se tornem mais estreitos; que murmure qualquer desculpa e me deixe na rua com a multidão de dançarinos.

Porém, ela permanece ali, estende uma mão e envolve com ela a minha. Baixo os olhos e pestanejo; sinto os seus dedos a fecharem-se sobre os meus, pressionando-me a pele.

— Toda a gente tem a sua história — afirma.

Tão simples.

Retira a mão de forma quase instantânea e esconde-a, com um gesto protetor, debaixo do braço, como para se impedir a si mesma de repetir aquele ato. Sinto de imediato a falta do toque dos seus dedos, aquele gesto instintivo que me fez sentir, pela primeira vez em semanas, que alguém me compreende.

Ri-se duas vezes, prontamente, um riso breve, e volta a olhar para a multidão; uma ruga forma-se-lhe na testa, e o ambiente altera-se, torna-se mais denso. A música é agora mais lenta; os pares dançam agarrados, de faces encostadas.

— Lamento — diz, sem explicar exatamente o que lamenta.

— Quando posso voltar a ver-te? — Ouço a minha voz interromper a dela, e sinto que o estômago me arde quando os seus olhos se abrem, o sorriso se alarga e todo o seu rosto se ilumina. Um lago de floresta, lagoas profundas focadas nos meus olhos.

— Eu... bom...

Pela primeira vez, naquele encontro, é ela que agora parece inibida, mais jovem, e estica a manga do casaco de malha num gesto nervoso. Os seus movimentos incitam-me a ser ainda mais audacioso.

— Desculpa, não pretendia fazer-te sentir constrangida.

— Não, não é isso. É que não estou habituada a...

Um rapaz de calções passa junto a nós, interrompendo-nos momentaneamente, e perco o resto da sua frase, substituindo-o por um murmúrio de desculpa.

Ofereço-lhe o braço e afasto-a da rua para a levar para baixo do toldo às riscas de uma loja. A montra está repleta de antiguidades cobertas de pó, tapetes enrolados e um serviço de chá que a minha mãe adoraria. Um espelho enorme devolve-nos o nosso reflexo embaciado, o perfil da Isabelle, uma imagem esbatida de reflexos louros e verdes. Viro-me para ela. A sombra do toldo às riscas faz com que seja difícil interpretar a expressão do seu rosto. Parece que os sons do dia abrandaram levemente, que se desvanecem enquanto permanecemos ali.

— Já te tinha visto antes — confesso, saboreando a sua reação, o rubor das suas faces. — Trabalhas em Limoges? — pergunto.

Ela nega com a cabeça.

— Estou a tentar.

— Ainda não tiveste sorte?

— Parece que há muitas raparigas que tiveram a mesma ideia.

— Bom, mas não podes perder a esperança.

— Foi isso mesmo que o Paul me disse. — Ri-se. — Meus Deus, tenho tantas saudades dele!

O *Paul*?

— Alistou-se como voluntário — explica, interpretando mal a minha confusão.

Aceno afirmativamente e cerro involuntariamente o punho; um monstro furioso passeia-se pela minha mente enquanto o nome «Paul» ecoa nos meus ouvidos. *Quem é esse Paul?* Odeio-o de imediato.

— É um rapaz maravilhoso — afirma com entusiasmo. — Maravilhoso e muito corajoso. Está no Norte, algures, não sei muito bem onde — explica. — Parece tão mais velho do que quando partiu.

A música na rua recomeça, com ritmo acelerado, mas mal reparo na mudança de compasso e no ambiente de renovada alegria. Desesperado, olho por cima da cabeça dela para os outros pares, sem saber o que dizer. Esse Paul mergulhou-me num silêncio inquietante. Vejo uma mulher que levanta o braço para apoiar ao de leve a mão sobre o peito do companheiro, um jovem com uma barba incipiente, mas deixa a mão suspensa sobre o coração dele. Os rostos de ambos resplandecem sob a intensa luz do dia, e sinto-me como se os observasse das profundezas de um abismo. O riso do par ressoa como uma troça.

— Nem parece que estamos em guerra, não achas? — reflete a Isabelle. — Mas tenho muitas saudades dele.

Dou um passo atrás, como se acabasse de receber um empurrão, e, apesar de saber que é uma maldade, desejo fervorosamente que aconteça todo o tipo de desgraças a esse Paul. Vejo um rápido clarão, um silvo prolongado e grave, um gemido, um estalido quando a bala

se lhe aloja na carne, a exclamação sufocada do homem. Ou um estalido brusco e breve, e o chão a explodir numa nuvem de pó, um corpo que é projetado para trás. Algo capaz de adiar o seu regresso. Indefinidamente.

Sei com toda a certeza que irei direito para o Inferno, mas, quando volto a fitar o rosto expectante da Isabelle, pergunto-me se não valeria a pena.

— A casa está muito triste sem ele. Não tenho mais irmãos — continua a dizer.

Irmãos. Apuro o ouvido. É irmão dela. O maravilhoso, corajoso, ridiculamente bem-parecido e fabuloso Paul é seu irmão. Quase sinto o sangue a voltar a afluir às minhas mãos e aos meus pés, o gelo a derreter-se. Estou impaciente por apertar efusivamente a mão desse homem e escutar todas as suas gloriosas façanhas na frente. O meu coração enche-se de esperança. O alívio que sinto é tão palpável que me surpreendo a exalar um ruidoso suspiro.

Quando a Isabelle vira a cabeça para olhar para os dançarinos da rua, observo o seu perfil: a delicada curva do pescoço, as pequenas madeixas de cabelo que acariciam a lapela do casaco, o arco das pestanas.

A guerra está a sair-se melhor do que eu poderia esperar.

ISABELLE

Querido Paul,

Hoje conheci um homem. Esta manhã vi uma rapariguinha que parecia tremendamente infeliz sentada de um lado da rua, enquanto as amigas dançavam e os rapazes faziam troça dela, dirigindo-lhe olhares e gestos grosseiros, e apontando para ela com o dedo, fazendo-a sentir-se diferente. Então vi esse homem dirigir-se a ela, com a perna esquerda um pouco rígida e o andar afetado. Ele também tinha reparado, Paul, e ali se colocou, em frente à menina, qual cavaleiro numa brilhante armadura, e estendeu-lhe a mão. O rosto dela, que, até àquele momento, tinha a expressão mais desgraçada do mundo, iluminou-se-lhe com o mais radiante dos sorrisos quando ele lhe pegou na mão e se dirigiram para o meio da rua. Senti inveja dela.

O homem conduziu-a para o meio da multidão, com o cuidado de não ir muito depressa, e enganou-se em todos os passos para que ela pudesse rir-se dele. Senti imensa ternura por ele. Com uns bondosos olhos castanhos e o cabelo a encaracolar na nuca, como se não conseguisse ficar quieto, agarrava-a com segurança nos braços para a ajudar a ganhar confiança; a sua figura corpulenta impedia-me de ver a rapariga, pelo que só conseguia perceber partes da conversa e os seus sorrisos quando ele a fazia rodar. Tive vontade de o conhecer. Sentia-me curiosa, emocionada, e, ao passar ao seu lado, experimentei uma genuína sensação de surpresa

quando ele me deteve (esperava que o fizesse, confesso). Esse primeiro olhar, Paul... Não consigo descrever-to. Parecia-me familiar, como se já nos conhecêssemos de outro tempo. Foi muito estranho. Nunca senti nada assim, foi como se uma força superior me tivesse guiado até ali. Sinto que ele é importante para mim. Enquanto falávamos, sentia-me extremamente atrevida, como uma versão mais brilhante de mim mesma. Houve algo entre nós, uma nítida sensação de que nos entendíamos, uma calma sossegada na frenética atividade do dia.

Ah, claro que não vou enviar esta carta; sabes isso, não sabes? Nunca tive essa intenção.

De qualquer forma, é inútil contar-te estas coisas absurdas quando não podes fazer troça de mim...

Uma comovente história de amor, perda e inocência roubada, inspirada num episódio verídico da Segunda Guerra Mundial.

1952

Após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, Adeline refugiou-se no convento de Santa Cecília, no sudoeste de França. Desde que apareceu à porta daquele lugar, não é capaz de falar. As freiras que dela cuidam não entendem o seu silêncio. Mas a verdade é que Adeline tem um segredo.

1940

Sebastian é um banqueiro judeu que vive na cidade francesa de Limoges. Apaixonou-se pela encantadora Isabelle, que habita em Oradour, uma aldeia ali próxima. A paixão entre ambos é intensa, e irá mudar o curso das suas vidas.

Tristan é uma criança de 9 anos que se muda com a família de uma Paris em guerra para a quietude de uma aldeia rural numa zona não ocupada.

Adeline e a sua família gerem tranquilamente uma pequena loja em Oradour.

À medida que a guerra avança, os destinos destas pessoas irão cruzar-se. E quando um acontecimento terrível abala a sua aldeia pacífica, nada voltará a ser como dantes...

«Uma história tocante, pungente
e maravilhosamente escrita.»

Heat Magazine

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-56-0



9 789898 917560

Romance Histórico